

PRIMEIROS PASSOS NA “VILA DO IAPI”
INTRODUÇÃO A UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS
DE UM BAIRRO DE PORTO ALEGRE¹

Rafael **Derois**²

Ana Luiza C. da **Rocha** e Cornelia **Eckert** (Orientação)

*“Caminhar é ter falta de lugar. É o processo
indefinido de estar ausente e à procura de um próprio.”*

Michel de Certeau

Uma breve apresentação...

Dar início a um estudo antropológico num bairro tradicional de Porto Alegre implicou a formulação de uma metodologia a permitir o desenvolvimento do mesmo. Assim, no caso por mim experimentado, os primeiros passos foram dados numa dupla perspectiva. Ao mesmo tempo em que buscava uma aproximação com a Vila do IAPI³, um conjunto residencial construído nos idos das décadas de 1940/50, e destinado, principalmente, a atender a demanda por habitação da população operária, estando,

¹ Resumo do trabalho apresentado no XVI Salão de Iniciação Científica e XIII Feira de Iniciação Científica da UFRGS.

² Bolsista de Iniciação Científica CNPq-PIBIC, vinculado ao Projeto Integrado CNPq “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade do mundo urbano contemporâneo”, coordenado pelas professoras Dras. Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha.

³ IAPI é a sigla de “Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários”, instituição criada durante o primeiro governo Getúlio Vargas, que, entre outros fatos, teve fundamental importância na criação de uma classe operária e urbana, intimamente relacionada ao processo de industrialização no Brasil. A designação “Vila do IAPI” é fruto da ação da própria comunidade porto-alegrense, já que originalmente esta região se chamava Conjunto Residencial Passo d’Areia.

especialmente, integrado no bairro Passo d'Areia, zona Norte de Porto Alegre, combinei constantes visitas as suas ruas, ladeiras, praças e escadarias, com os esforços na obtenção de documentos históricos diversos que me permitissem pensar a memória desta região na conformação da vida urbana de Porto Alegre.

A inspiração deste trabalho surge, assim, com os comentários de M. DE CERTEAU sobre a relação entre uma perspectiva que busca pensar o fenômeno urbano de maneira racional, tão próxima dos agentes do planejamento urbano, e a ação dos habitantes deste mesmo ambiente, que, no entrecruzamento de seus caminhos cotidianos, reinventam esta “cidade-conceito”, defendida pelos teóricos simpatizantes da primeira perspectiva apontada⁴. Neste sentido, adotei a caminhada livre como técnica de investigação do espaço compreendido pela Vila do IAPI e suas fronteiras com o bairro Passo da Areia onde ela se situa. Foram estes deslocamentos que orientaram minhas primeiras observações da paisagem local, provocando a reconhecer as suas peculiaridades em relação a outras regiões do bairro Passo da Areia. Portanto, caminhadas e conversas com moradores somam-se a uma pesquisa bibliográfica, resultando como produto um mapeamento da Vila do IAPI na memória coletiva da comunidade porto-alegrense, vindo a compor um conjunto de documentos de valor histórico e cultural para os seus moradores, requisito básico para criação de coleções etnográficas sobre a conformação desta região na cidade de Porto Alegre.

Este ensaio oferece uma breve síntese desta primeira aproximação com um trabalho de pesquisa antropológico no mundo urbano de Porto Alegre a partir de alguns pontos de interpretação por mim sugeridos como forma de pensar a trajetória de formação da Vila do IAPI.

Reunindo relatos e imagens num diálogo de testemunhos

Do ponto de vista da memória oficial da Vila do IAPI, pesquisei diversos suportes (fotografias, mapas, plantas e escritos) que me permitiram uma compreensão ampla da formação desta região em Porto Alegre, um dos momentos mais importante de se estar em campo considerando o desafio que me propunha de compreender a abrangência dos limites geográficos desta área em relação às outras formas de ocupação

⁴ Para inspiração teórica cito CERTEAU, Michel de. “A Invenção do Cotidiano – I. Artes de Fazer”. *Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, extrato pág. 172*. “Afastando-se do olhar fictício, encontraremos um cotidiano, onde pode se detectar práticas estranhas ao tão bem planejado e controlado. Essas práticas remetem a maneiras de fazer e a uma mobilidade opaca e cega da cidade racionalizada. Uma vida metafórica”.

urbana no local. Através da leitura de jornais e impressos⁵ e de livros técnicos e científicos, em geral relacionadas às áreas da arquitetura e do urbanismo, foi-me possível, progressivamente, construir uma visão ampla dos fatores históricos e sociais que deram origem ao nascimento da Vila do IAPI na memória coletiva porto-alegrense.

Remontando as informações de tais conjuntos de documentos, temos aqui os relatos sobre a história urbana desta área da cidade de Porto Alegre, para os quais a Vila do IAPI resulta de um grande projeto habitacional implantado na região norte da capital gaúcha, durante as décadas de 1940 e 1950, para atender os segmentos de classes trabalhadoras urbana consorciadas ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. As diretrizes da execução do programa originaram-se na chamada “questão social”, uma das preocupações das políticas públicas instauradas por Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo (1937-45), em especial ao fenômeno da sub-habitação, periférica as zonas industriais dos grandes centros urbanos brasileiros⁶. Ou seja, O projeto segue um modelo populista de política de habitação na contenção da expansão de favelas. Neste sentido é compreensível a localização do projeto, situado na zona norte de Porto Alegre, integrado no Bairro Passo d'Areia.

Interessante se observar que são inúmeras as referências, por parte dos moradores atuais e dos mais antigos, ao *status* de “bairro” a este conjunto residencial, não apenas condizente com a própria área de 67 hectares que ele ocupa⁷, uma das

⁵ Ver a propósito alguns exemplares da Revista do Globo que tratam da implantação do conjunto na malha urbana de Porto Alegre. Curioso observar a eloquência com que este projeto era concebido na época. Para tanto cito a manchete de uma reportagem sobre o conjunto, publicado nesta mesma revista em 03 de fevereiro de 1951, na página 51: “*Duas mil moradias entregue pelo IAPI aos trabalhadores da indústria porto-alegrense formam um conjunto sem igual no mundo inteiro em matéria de arquitetura de finalidade social*”. Para outras referências ver no final do ensaio os periódicos consultados. E além desta fonte, consultei a publicação promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre “Memórias dos Bairros – A Vila do IAPI”.

⁶ Cf. BAIERLE, S. G. *Um novo princípio ético-político: Prática social e sujeito nos movimentos populares urbanos em Porto Alegre nos anos 80. Dissertação de Mestrado, Dep. Ciência Política/ IFCH/ UNICAMP, 09/12/1992*: “*Na ênfase que em geral se dá ao controle do Estado Populista sobre os sindicatos se deveria fazer menção ao projeto hegemônico do varguismo como uma articulação que buscava cobrir o conjunto da sociedade, que colocava o Estado como interlocutor sempre presente de todos os processos sociais no meio urbano, pautando a vida cotidiana de todas as formas de associativismo existentes.*”.

⁷ Para uma rápida comparação verifica-se que a Vila Farrapos possui 63,90 ha, o Conjunto Costa e Silva 48,57 ha, o Conjunto Habitacional Cavalhada e Rubem Berta possuem, respectivamente, 13,02 ha e 56,37 ha. Todos os conjuntos citados estão localizados em Porto Alegre. Fonte: PMPA (1995).

maiores entre os principais conjuntos habitacionais da Grande Porto Alegre, mas referido a uma identidade social auto-atribuída em função das fronteiras simbólicas que constroem os limites das formas de vida social dentro deste conjunto arquitetônico e urbanístico com relação aos outros situados nas regiões vizinhas.

Por outro lado, a consulta aos relatos dos urbanistas que operam com o processo de evolução urbana desta área, é recorrente a afirmação de que a definição da *gleba*⁸ foi fundamental para o nascimento da Vila do IAPI em termos de orientar o deslocamento do eixo de expansão da indústria porto-alegrense, da então zona noroeste, junto aos bairros São João e São Geraldo, para a zona nordeste. Seguindo estes relatos pode-se observar no desenho urbano atual de Porto Alegre a concretização desta política de urbanização da zona norte da cidade, ao se observar a sua feição industrial concentrada na direção compreendida entre as radiais Avenida Sertório e/ou Avenida Assis Brasil, territórios pertencentes ao trajeto da antiga estrada do Passo d'Areia. Uma boa ilustração deste movimento de transfiguração urbana é a companhia de tintas Renner, cuja fábrica foi transferida do Bairro Navegantes, junto às águas do Lago Guaíba, para uma unidade construída próximo ao atual bairro São Sebastião, no entroncamento das avenidas Assis Brasil e Baltazar de Oliveira Garcia.

No contraponto desta história oficial, estão os depoimentos dos antigos moradores que atribuem o nascimento do “conjunto residencial do IAPI” as ações grandiosas do estadista que foi o ex-presidente Getúlio Vargas para com a classe trabalhadora, ainda que os fatos históricos afirmem que a maior parte do projeto tenha sido executado durante o mandato do Presidente Dutra. A personagem mitológica e lendária de Getúlio Vargas é aqui evocada como a do pai fundador da Vila do IAPI, tal qual aparece na declaração de um morador que há cinquenta e um anos deixou a cidade de Caxias do Sul, ao ser beneficiado com uma unidade residencial:



“Quem fez isto tudo foi o Getúlio. O Dutra fez uma inauguração, mas quem é mesmo o pai disso tudo é o Getúlio (...).”

Sr. João, industrial aposentado.

Comparando épocas e tecendo o perfil da Vila do IAPI

A força dos depoimentos dos velhos moradores do conjunto residencial me conduziram a pensar as particularidades históricas e memorialistas que perseguem a sua fundação (sua origem no *Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários*), nos termos de um modelo populista aplicado às formas de se administrar os surgimentos de habitações populares irregulares no interior da malha urbana dos grandes centros industriais do Brasil e aquelas que nascem com a implantação dos conjuntos residenciais do BNH (Banco Nacional de Habitação), sob o regime militar (1964-84); além de refletir sobre a forma como este último acaba por interferir na própria remodelização da vida social no interior da “Vila do IAPI”.

Diferentemente da época em que ocorreu o processo de fundação do Conjunto Residencial Passo d’Areia, nos anos do regime militar posso destacar o deslocamento maciço das classes trabalhadoras urbanas para áreas isoladas dos grandes centros industriais, forçando o distanciamento destes grupos urbanos com toda uma estrutura de relações sociais definidas, seja na esfera privada da residência, seja na esfera do trabalho, já que muitos se beneficiavam do mercado informal potencializado nas áreas centrais. Este seria o caso que deu origem ao bairro da Restinga, grande empreendimento habitacional de caráter autoritário posto em prática na década de 1970, e que veio a causar fortes transformações na fisionomia de Porto Alegre, mais especificamente na Zona Sul e sua tradicional estética rural.

Ao contrário, na Vila do IAPI houve certa autonomia do Instituto na execução do projeto, motivo pelo qual foi possível a celebração de um conjunto rico em virtudes arquitetônicas e urbanísticas, tal como uma vasta diversidade de tipologias

⁸ Termo técnico que refere a um certo recorte no espaço.

arquitetônicas (no total são 28 variações entre habitações uni/pluri familiares⁹ e edificações comerciais).

Além deste aspecto de maior autonomia na execução do projeto arquitetônico e urbanístico que presidiu a construção da Vila do IAPI, havia ainda a possibilidade de apropriação do terreno pelo morador da residência, numa clara alusão deste modelo de habitação operária ao modelo de cidade-jardim, originalmente desenvolvida pelo inglês Ebenezer Howard, no final do século XIX, e que trazia como princípio a integração no âmbito das práticas da vida operária num grande centro metropolitano das dimensões cidade-campo, e cuja intenção era superar a degradação dos bairros operários da Inglaterra em plena revolução industrial promovendo os bons costumes, a boa saúde e a moral entre as classes trabalhadoras a partir da organização do espaço onde se enraíza a própria vida familiar destes segmentos sociais.

Uma tal referência à cidade jardim aparece evidenciada na paisagem da Vila do IAPI, seja no traçado orgânico das ruas em relação ao espaço das residências, seja no uso intenso da vegetação na conformação das ambiências, ou ainda na busca de integração harmoniosa entre casas e prédio de apartamentos, onde a presença de jardins e muros baixos permite o olhar dos moradores à atmosfera da “cidade operária”. Se, na época, o princípio original de fundação do conjunto residencial da Vila do IAPI foi a preocupação de compor um conjunto que refletisse “as características e tendências do homem e da família, de modo a servir suas necessidades e possibilitar o desenvolvimento de uma vida sã e integral”, conforme os dizeres do engenheiro responsável pela obra Edmundo Gardolinski¹⁰, hoje estas preocupações estão ausentes do território do IAPI. Mas ainda assim, durante as incursões em campo pude perceber que, para os moradores atuais é evidente a herança que eles usufruem ao irem morar num local com uma história tão singular dentro da malha urbana de Porto Alegre, inclusive reconhecido, atualmente, como patrimônio arquitetônico e cultural da cidade. Importante ressaltar que o fato da singular herança operária da Vila do IAPI na memória coletiva de Porto Alegre ser reconhecida imediatamente pela geração mais nova que ali passa a residir, não impede que uma tal herança seja negociada entre os

⁹ Adoto terminologia técnica para diferenciar as residências nos quais um lote é destinado para uma família (uni), ou para mais de uma (pluri), como no caso das casas germinadas ou edifícios. Esta forma de organizar o espaço, mais especificamente no espaço privado, tem reflexos na ordem das relações sociais operantes, tema que pretendo abordar com o merecido esforço futuramente.

¹⁰ Trecho do diário de Edmundo Gardolinski, reproduzido parcialmente em PMPA. *Memória dos Bairros: A Vila do IAPI*. Porto Alegre: SMC, 1991.

antigos e os novos moradores no sentido de acomodar sua antiga fisionomia aos seus desafios de se viver à cidade hoje.

Um pouco da etnografia dos passos perdidos

Conforme já mencionado no início deste ensaio, o ato de caminhar inaugurou meu exercício etnográfico na Vila do IAPI. Desde a primeira visita ao local, o deslocamento nas ruas e ladeiras deste conjunto residencial esteve intimamente associado à metodologia de pesquisa antropológica no mundo urbano que estava descobrindo. Aliado da técnica de investigação da memória do cotidiano numa grande cidade, os “passos perdidos”¹¹ pelas avenidas, ruas, vielas, acessos e escadarias (talvez fosse a ocasião de reverter à hierarquia valorizando aquele quem caminha), estava o olhar. Um olhar que se propunha distante e distanciado, de quem tenta romper a familiaridade com seu objeto-espaco de estudo, para criar as condições de seu conhecimento, um processo de atenção epistemológica como condição para o fazer antropológico quando o próprio pesquisador faz parte do fenômeno investigado, segundo nos ensina Gilberto Velho¹². Educar o olhar na forma de captar o fenômeno de uma estética urbana como a da Vila do IAPI, marcada por caracteres que a particularizam no universo dos conjuntos habitacionais de Porto Alegre e das regiões residenciais do bairro Passo d’Areia onde se situa. Companheira de grande valia, a máquina fotográfica se revelou um instrumento fundamental neste (re)conhecimento da Vila do IAPI. Além de guardião do meu olhar “estrangeiro” (pois minha história de vida,

¹¹ “Passos perdidos” é em alusão ao pensamento de De Certeau que resgata o ato caminheiro dentro do sistema urbano, sendo este portador de uma tríplice função (apropria o sistema topográfico, realiza espacialmente os lugares e implica relações entre posições diversas). Numa analogia com a língua falada, considera o caminhar uma “enunciação pedestre”, que, em última instância, efetiva a existência da cidade.

¹² VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas Para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

não por azar, se entrelaça às ruas e trajetos desta área urbana de Porto Alegre¹³), foi a própria ação de fotografar que estimulou o enquadramento da primeira realidade, para me valer da noção de Boris Kossoy¹⁴. E foi, portanto, assim que iniciei minhas aventuras e desventuras pelo IAPI.

Aperfeiçoar este esquema de pensamento que se caracteriza pelo estranhamento do familiar forçou-me ainda mais a caminhar no espaço compreendido pelo conjunto residencial, no sentido de aventurar-me pelos caminhos internos da vila. Diferentemente de minhas formas antigas de andar nas ruas do IAPI, me autorizei a andar livremente, sem destino, nem direção. Tendo como fonte de inspiração as idéias de De Certeau e Bachelard, segundo o qual o ato de caminhar pode ser rebatido para o plano das figurações oníricas, permiti-me, ainda que por breves instantes, experimentar a sensação de estar perdido no interior deste território, fazendo sentir que uma “prática de espaço é indissociável do lugar sonhado”. Uma experiência dramática que me ajudou a evitar a minha idéia inicial, de inspiração cartesiana, de caminhar exaustivamente por

todas as ruas do IAPI, com um mapa à mão, anotando características perceptíveis dos objetos, das pessoas e dos acontecimentos. Ao invés disso permiti que o inesperado e a surpresa dos trajetos e percursos dirigissem minha rota, na descoberta da paisagem local.

Percorrer estes caminhos me conduziu ao descobrimento da interessante especificidade de Porto Alegre que constitui a Vila do IAPI. Seguir os passos e as falas dos moradores do local, principalmente dos antigos, me obrigou a registrar um dos marcos próprio do lugar denominado como “a entrada da vila”. Refiro-me aqui ao entroncamento das avenidas Assis Brasil e Brasiliano Índio Moraes onde encontramos, assinalada em dizeres para todos que por ali passam se deslocando no trajeto centro-bairro, a entrada da vila. Anuncia-se assim a entrada no conjunto residencial, com o emblema do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões inscrito na platibanda de dois

¹³ Durante dois anos, devido o estudo em colégio dentro do conjunto, percorria cinco vezes por semana um mesmo percurso na Vila.

¹⁴ O mencionado autor, ao tratar da fotografia, diferencia uma primeira realidade que compreende o objeto fotografado em si, e uma segunda realidade que constitui a apreensão de um recorte daquela pela película. Deve-se ressaltar que a segunda realidade não constitui a imagem objetiva da matriz. Para continuidade neste assunto ver obra do autor *Realidade e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia: AE, 1999.

elegantes prédios comerciais que dão passagem ao interior do “Vila do IAPI”, tal como uma espécie de pórtico.

Vindo no sentido acima descrito em direção ao interior da “vila”, constato que passados cinquenta anos da conclusão da obras, encontro, ainda nos dias de hoje, um

conjunto que possui uma peculiar estética, resultado da associação da tipologia original, que une o uso de determinados estilos arquitetônicos no desenho das residências com edificações de qualidade excepcional no material utilizado e a inspiração na concepção de cidade jardim, e de novos elementos arquitetônicos que traduzem, na feição local de sua paisagem edificada, a dinâmica de vida e morte que presidem as formas de vida social no mundo urbano porto-alegrense. As grandes e largas avenidas, com corredores de ônibus, marcadas pelo barulho, a agitação de carros, o burburinho de pessoas contrastam com as pacatas ruas e ruelas arborizadas da Vila do IAPI onde casas e prédios ajardinados, logradouros e praças internas, somam-se ao paisagismo local composto de frondosas árvores e ruas de traçados sinuosos, compondo uma atmosfera que sustenta a representação da Vila do IAPI como lugar bucólico¹⁵.

¹⁵ Neste sentido adiciono que, durante minhas experiências de solitárias caminhadas por essas ruas pacatas, registrei como importante particularidade a ser descrita a ambiência sonora. Sons da rua mesclam-se inúmeras vezes aos sons privados do interior das próprias residências, revelando-se um contraponto interessante à polifonia, tipicamente tachada de caótica, dos grandes centros urbanos. Qual sonoridade apresenta a Vila do IAPI e que vem a fundir-se a estética local constitui um tópico a ser

Todavia cometeria um erro ao limitar-me a esta idéia campestre da vila dos industriários. O deslocamento no interior do conjunto residencial, ainda que muitas habitações continuem preservando as marcas arquitetônicas de seu tempo de fundação, me fez perceber inúmeras alterações na paisagem de origem com o acréscimo de elementos arquitetônicos espúrios às suas formas antigas, tais como se apresentam as grades frontais cobrindo a fachada de algumas casas, a construção de garagens para carros em áreas antes destinadas aos jardins, além de algumas reformas nas aberturas (janelas e portas) das edificações. Em outros casos, de intervenção mais radical no tecido urbano das ruas interiores do conjunto residencial, as antigas edificações foram totalmente demolidas, cedendo lugar a um prédio novo e “exuberante”, contrastando com as linhas arquitetônicas sóbrias que são marcas do “velho IAPI”, anunciando certamente a presença da migração de uma nova classe de herdeiros urbanos no local e seu afastamento em relação aos códigos que tecem a memória coletiva desta área na cidade de Porto Alegre.

Através do contato com estudos recentes sobre as transformações na feição da Vila dos Industriários pude constatar que esta migração de novos moradores para este conjunto residencial origina-se na extinção, ao longo dos anos 60/70, dos institutos de aposentadoria como âncoras de toda a política habitacional dirigida às classes trabalhadoras urbanas e o surgimento do Sistema Financeiro de Habitação, com linhas de crédito separadas segundo os rendimentos dos segmentos sociais (SFH), reorientando as diretrizes das políticas públicas para o caso da compra da casa própria pelas camadas médias urbanas emergentes do *boom* econômico do período do “Milagre brasileiro”. Uma tal transformação no panorama da política habitacional no Brasil, com reflexões locais em Porto Alegre, permite, assim, que se possa compreender a compra destas residências pelos seus locatários (até então todas unidades eram locadas) o que, por fim, abriu a Vila do IAPI a especulação imobiliária, uma vez que, com o passar dos anos, este conjunto residencial passa a ser incorporada na malha urbana da cidade, integrada a um dos mais movimentados eixos de vida comercial e industrial de Porto Alegre.

Articulando a pesquisa em fontes de caráter oficial e o contato com antigos moradores, pude constatar o fato que desde os primórdios da ocupação no conjunto registra-se a presença de pessoas originalmente estranhas ao universo fabril propriamente dito. Ainda que em termos discursivos o conjunto teria como alvo as

abordado na descrição da paisagem urbana do conjunto, o que será feito em outra oportunidade com maior rigor.

classes operárias, faz-se necessário ressaltar que o benefício era estendido segundo um teto econômico específico, variando segundo o tipo de residência. Subentendo que o acesso as residências não se realizava universalmente dentro da classe operária, sendo os trabalhadores de nível técnico especializado, melhor credenciados ao recebimento de uma unidade residencial uma vez que possuíam maior teto salarial.

Contribuindo nessa heterogeneização da comunidade da Vila do IAPI em sua primeira ocupação, acrescento o dado de não terem sido os operários os únicos beneficiários do projeto. Funcionários das mais diversas instâncias nas indústrias, tais como os encarregados de funções fiscais ou burocráticas, que tinham como espaço de atuação profissional os escritórios, e não a oficina, ao estarem associados ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, igualmente tinham o direito de requerer uma residência. Da mesma forma que constato uma diferenciação nas tipologias espraiadas nos diversos quarteirões da Vila do IAPI, sendo alguns caracterizados por lotes de maior densidade populacional ou por construções que poderiam ser apontadas como mais simples em outros quarteirões registro residências em lotes maiores, com menor densidade de habitantes, ao mesmo tempo que, em termos arquitetônicos, descubro tipologias mais sofisticadas, principalmente em linhas decorativas, como varandas cobertas em arco que sustentam lapidados cubos de granito. Enquanto descubro toda uma ordem material diferenciada nos quarteirões, surge, acompanhando esta característica, o que aponto como um princípio de hierarquização na origem da vila, o que vem, certamente, a influenciar a relação de códigos de valores que tecem a memória coletiva desta região e, por conseguinte, a herança recebida pelas gerações posteriores.

Ensaio de um mapeamento da vila a partir da etnografia dos passos perdidos

Ainda que nas primeiras visitas as minhas caminhadas tivessem um papel definido no sentido de me introduzirem gradativamente no estranhamento das qualidades urbanísticas e arquitetônicas do conjunto da Vila do IAPI, foram os comentários de Robert Park¹⁶ a propósito da ordem física que comportam os territórios de uma cidade como expressão concreta dos usos destes espaços por seus habitantes que me permitiram compreender os elementos simbólicos que estruturam este conjunto residencial dentro de Porto Alegre. Assim é que as ruas, as edificações, os jardins, as ruelas, as calçadas, muros e etc, em si mesmos não seriam suficientes para uma

¹⁶ PARK, Robert E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. IN: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

investigação das formas de vida social que ali se fazem presentes uma vez que sendo apenas artefatos, só podem ser interpretados como parte de um modo de vida urbano quando associados ao costume e uso das pessoas¹⁷. Neste momento, as caminhadas se mostraram fundamentais, pois esta prática de etnografia de rua quebra o simulacro teórico da cidade planejada, valorizando as táticas silenciosas do cotidiano, novamente uma tendência adotada para este trabalho inspirada no pensamento de M. DE CERTEAU¹⁸.

Portanto, atento ao registro da ordem física deste território da vida urbana porto-alegrense, em sucessivas visitas, procurava adotar o desafio de percorrer diversos percursos, onde anotações referente ao cotidiano observado somava-se ao contato com os moradores. Sem a pretensão de um mapeamento rígido das áreas visitadas, busquei pela espacialização dos lugares através dos passos, aplicando ao par de conceitos, espaço e lugar, o mesmo sentido dado por De Certeau: o lugar como o identificável, unívoco e próprio; o espaço como o lugar praticado no dia a dia¹⁹.

Através dos relatos de alguns antigos moradores da Vila do IAPI ia identificando percursos que conduziam a lugares significativos para eles. Lugares de adesão dos moradores da vila dos industriários, os quais, com certo orgulho, insistiam em pontuar determinados pontos característicos da malha urbana do conjunto habitacional, a fim de orientar os meus passos de visitante na paisagem local. Inúmeros foram os momentos em que, ao saberem de meu interesse em “estudar a Vila do IAPI”, os antigos moradores insistiam em nomear os limites reais e simbólicos de seus trajetos no interior de seus territórios, tais como a “entrada” da Vila, já mencionada acima, a presença do viaduto do Obiricí, o Parque Alim Pedro, o Largo Elis Regina, a Praça Chopin, etc.

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 2ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1994.

¹⁹ *Idem*

A partir dos comentários dos moradores a propósito de tais lugares na memória coletiva local, tracei um percurso pelas ruas, avenidas, vielas e escadarias da Vila do IAPI, adotando como contraponto o itinerário da linha de transporte coletivo IAPI, fato relacionado com uma antiga experiência por mim vivida na região, provocado pelo desafio de arranjar as lembranças de minhas incursões anteriores na cidade de Porto Alegre como condição de interpretação da experiência etnográfica vivida por mim, naquele momento, junto aos habitantes desta região da cidade²⁰.

²⁰A propósito ver ECKERT, C. e ROCHA, ^a L.C. *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais,

O mapa transposto acima pode ajudar a visualização do percurso desenvolvido pelo etnógrafo em campo, onde destaco a divisão do conjunto habitacional da “vila dos industriários” em três regiões significativas nas falas e ações dos moradores. Ainda que em seus relatos, cada um se refira a sua experiência de vida na “Vila do IAPI” de uma forma singular segundo sua trajetória social e a sua história de vida, observei, de modo geral, uma tendência em subdividir este território urbano em três grandes regiões, cujas fronteiras estão em relação com a própria implantação do conjunto. A primeira é a “lá na entrada da vila, onde se pegava o Bonde”, para citar a enunciação de um informante a mais de 40 anos residente na vila, e que corresponde a Av. Plínio Brasil Milano e arredores. A segunda é a zona do Estádio Alim Pedro, que possui a Av. dos Industriários como centro, que foi o segundo grande momento da construção do conjunto habitacional. Finalmente, a terceira região corresponde “lá em cima da coxilha, onde os edifícios são mais novos, por isso o forro é de concreto, e não de madeira”, novamente citando a voz do mesmo morador. Foi o terceiro grande e último setor a ser implantado na região.

A intenção primeira é de transformar o ato de caminhar na cidade em processo de observação participante tendo o relato dos moradores como bússola capaz de dirigir nosso olhar sobre o território pesquisado, investindo na tentativa de compartilhamento de suas lembranças e estórias do lugar. Neste ponto, as enunciações dos habitantes sobre o espaço, onde sempre se faz presente o *ali havia, aqui tinha, lá era assim*, traduzem processos vitais de apropriação dinâmica do espaço da Vila do IAPI carregados de intencionalidades presentes e passadas. Mais do que falas soltas, lembranças fugazes, as palavras enunciadas pelos habitantes locais, e reunidas a gestos e posturas corporais sugestivas ao etnógrafo em campo, representam um ato de digressão no espaço, com força simbólica capaz de esboçar ao investigador surpreso as diferentes temporalidades que cercaram a implantação do conjunto habitacional na memória dos antigos moradores. Estes encontros por vezes casuais, com os velhos moradores, já aposentados, me conduziram a remontar uma certa genealogia das suas reminiscências da construção da “vila dos industriários”. Obra de construção coletiva que só pude perceber cumulativamente a medida que avançava em meu trabalho de campo e na pesquisa com imagens de acervos, e que, progressivamente, iam me permitindo, pela reunião dos dados, mapear os percursos narrados pelos velhos

habitantes do local e projetar no espaço cartográfico, finalmente, a memória do lugar contida nas lembranças por eles enunciadas. Lembranças cruzadas que me permitia reuni-los numa rede social no interior de um território singular, a Vila do IAPI.

Considerações finais

Ainda que não tenha sido meu objetivo neste ensaio oferecer uma descrição densa da Vila do IAPI como território que nasce no culto populista à cultura de classes trabalhadoras urbanas, gostaria de sinalizar que os processos sociais que contemplam os cinquenta anos de vida deste conjunto habitacional resultaram em transformações na sua antiga vocação de cidade-jardim.

Se nos primórdios da “vila dos industriários” a distribuição de moradias no interior do conjunto habitacional não se dirigia exclusivamente aos operários, mas a todos trabalhadores associados ao Instituto, nos anos subseqüentes muitas das residências foram atribuídas ao setor de prestação de serviços. Com a extinção do IAPI, ampliou-se esta tendência de incorporação de outros segmentos sociais como moradores do local. Entretanto, vale ressaltar que todo este processo de fragmentação dos espaços de ocupação da Vila do IAPI segundo a origem das famílias ali residentes não invalida que, percorrer as ruas e ruelas deste território, traz sempre consigo a expectativa do encontro com industriários aposentados, onde o relato de suas trajetórias sociais indica um grande esforço deste para manterem acesa a memória operária da “vila dos industriários”, mesmo que, por vezes, repleta de uma atmosfera romântica.

Outra aspecto que merece ser apontado no fechamento deste ensaio é a questão do Conjunto Residencial Passo d’Areia considerado como patrimônio cultural de Porto Alegre. Ao ensaiar uma etnografia dos passos perdidos na “vila dos industriários”, ainda que tenha iniciado o trabalho de campo atento aos bens materiais tangíveis que configuram um tal conjunto habitacional para o patrimônio histórico e

arquitetônico de Porto Alegre, são as formas de vida social existentes neste território da vida urbana porto-alegrense o que mais me chama a atenção para este lugar uma vez que são elas que autorizam a memória do lugar vibrar por entre a paisagem de edifícios e casas ali presentes²¹.

REFERÊNCIAS

- BAIERLE, S. G. *Um novo princípio ético-político: Prática social e sujeito nos movimentos populares urbanos em Porto Alegre nos anos 80*. Dissertação de Mestrado, Dep. Ciência Política/ IFCH/ UNICAMP, 09/12/1992
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 2ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1994.
- ECKERT, C. e ROCHA, Ana Luiza C. *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. Iluminuras; n. 13.
- ECKERT, C. e ROCHA, Ana Luiza C. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. Iluminuras; n. 15.
- KESSLER, Rita M. P. *IAPI: Hoje uma utopia?* Monografia apresentada no 1º Seminário sobre Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, 1995.
- KOSSOY, Boris. *Realidade e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia: AE, 1999.
- PARK, Robert E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. IN: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PMPA. *Memória dos Bairros: A Vila do IAPI*. Porto Alegre: SMC, 1991.
- P.M.P.A. *Vila do IAPI: Patrimônio Cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, 1994.
- ROCHA, Ana Luiza C. *Bonfim: feições de uma cidade no plural ou o lugar da desordem*. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. Iluminuras; n. 30.
- SILVEIRA, C. B. *O Enfoque Urbanístico-Cultural no Planejamento a partir da Década de 1980*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, ano 2, número especial. Salvador, 2004.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas Para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

ACERVOS PESQUISADOS

- Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Laboratório de Antropologia Social – PPGAS – UFRGS
- Acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRGS.

PERIÓDICOS

²¹ Cf. SILVEIRA, C. B. “(...) entre os elementos do patrimônio material e tangível e a vida social que o preenche, esta última desponta como a variável de estudo mais importante uma vez que dela fazem parte categorias da vida social e mental que orienta ângulos relevantes da vida coletiva (...)”. In: *O Enfoque Urbanístico-Cultural no Planejamento a partir da Década de 1980*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, ano 2, número especial. Salvador, 2004

- REVISTA DO GLOBO, 18/10/1952, p. 84.
- REVISTA DO GLOBO, 22/12/1951, p. 71.
- REVISTA DO GLOBO, 03/02/1951, p. 61.

ÍNDICE DE IMAGENS E ILUSTRAÇÃO*

Página 03

- *Still* montado pelo pesquisador, a partir do material captado pela equipe do BIEV, em 09.11.2003.

Página 04

- Fotografia do acervo GEDURB, FAU-UFRGS. Autor e data desconhecidos.

Página 05 (de cima para baixo)

- Fotografia do acervo BIEV. Fonte Revista do Globo N. 647, p. 50. Autor Léo Guerreiro.
- Fotografia do acervo GEDURB, FAU-UFRGS. Autor desconhecido, data: 20/02/1952.

Página 07 (da esquerda para a direita)

- Fotografia do pesquisador, obtida em trabalho de campo. Vila do IAPI, 2003.
- Fotografia do pesquisador, obtida em trabalho de campo. Vila do IAPI, 2004.

Página 08 (de cima para baixo)

- Fotografia do pesquisador, obtida em trabalho de campo. Vila do IAPI, 2003.
- Montagem a partir de fotografias do pesquisador, obtida em trabalho de campo. Vila do IAPI, 2003.

Página 10 (todas)

- *Still* a partir material captado pela equipe do BIEV, em 09.11.2003.

Página 11(de cima para baixo)

- *Still* a partir do material captado pela equipe do BIEV, em 09.11.2003.
- Montagem do pesquisador a partir de mapa. Fonte do mapa: P.M.P.A. *Vila do IAPI: Patrimônio Cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, 1994.

Página 12

- *Still* a partir do material captado pela equipe do BIEV, em 09.11.2003.

Página 13

- Montagem a partir de fotografias do pesquisador, obtida em trabalho de campo. Vila do IAPI, 2003.

* Todas as fotografias produzidas pelo pesquisador estão vinculadas ao Projeto Integrado CNPq “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade do mundo urbano contemporâneo”, coordenado pelas professoras Dras. Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha.